

# 'Amou-nos até ao fim'. Desvendando o '(pro)fundo' do amor de Deus



Estudos

[www.fatima.pt/documentacao](http://www.fatima.pt/documentacao)

ALMENDRA, Luísa Maria – 'Amou-nos até ao fim'. Desvendando o '(pro)fundo' do amor de Deus. Em VAZ, Carla Abreu, coord. – *Envolvidos no amor de Deus pelo mundo: Itinerário Temático do Centenário das Aparições de Fátima: 4.º ciclo*. Fátima: Santuário de Fátima, 2013. p. 69-83.

---

Luísa Maria Almendra

A fé em Jesus Cristo impele-nos a viver da certeza de um amor singular que, no testemunho dos primeiros cristãos, emerge reconhecido como um amor até ao fim. Quando a nossa fé balbucia a afirmação que dá o título a esta apresentação ('Amou-nos até ao fim'), é neste testemunho que ela se sustém. Não duvidamos que o melhor suporte desta expressão é toda a vida de Jesus, a sua palavra e ação. Porém, o fundamento escrito mais explícito localiza-se em Jo 13,1, onde a narrativa evangélica expõe o momento e as palavras de despedida de Jesus aos seus. A relevância destas palavras é desmedida e, talvez, por isso, os exegetas debatam todos os detalhes, possibilidades filológicas e semânticas, oscilando, por exemplo, entre a tradução 'amou-os até ao fim' e 'amou-os até ao limite'<sup>1</sup>. A possibilidade destas duas traduções permite não só uma alusão direta ao sofrimento de Jesus Cristo nos últimos momentos da sua existência terrena, como também uma referência à peculiaridade da sua vida. Ao perceber que chegara 'a hora de passar deste mundo para o Pai', Jesus que vivera toda a sua vida num amor profundo não recua perante o sofrimento de uma morte e de uma morte de cruz. Assume o sofrimento como assumira cada momento da sua vida, transbordando uma profunda humanidade e amor. Porém, ele que amara sempre com um amor ímpar, neste momento derradeiro ousa expor-se à perfeição de um amor até ao fim, até ao limite.

Sustentados por esta certeza e por este testemunho, percebemos que embora os últimos momentos da vida terrena de Jesus tenham sido marcados por um sofrimento atroz, desde muito cedo os primeiros cristãos entenderam este sofrimento como uma manifestação de amor, o maior, o mais excelente. Neste sentido, sem deixar de nos descrever a cadência terrivelmente sofredora de cada momento que leva Jesus até à morte, eles persistem em assegurar-nos que o amor que selara cada gesto de

---

<sup>1</sup> Está em causa a tradução da expressão εἰς τέλος ... e dos verbos ἀγαπήσας e ἠγάπησεν. Cf. J. ZUMSTEIN, «La communauté johannique et son histoire», in J. ZUMSTEIN – J. KAESTLI; J.M. POFFET (Eds.), *La communauté johannique et son histoire: La trajectoire de l'Évangile de Jean aux deux premiers siècles* (Le Monde de la Bible, 20 : Labor et Fides ; Genève, 1990, 359-374.

Jesus, cada palavra e cada olhar, não recua perante acusação ou a afronta, não se evade diante do fim eminente, tornando-se um amor até ao fim, até ao limite. É deste modo que se ergue a consistência de uma tradição oral e escrita que alimenta ainda hoje a fé da Igreja; uma tradição que permite na pessoa e vida de Jesus Cristo uma total identificação entre amor e sofrimento.

Perante o sofrimento, os que estão mais 'longe' ou mais 'perto' da Fé, todos nos questionamos sobre Deus e sobre a nossa existência humana. Não é possível ficar indiferente, porque isso significaria virar as costas ao sentido da nossa existência, reduzindo-a à mera sobrevivência. Perante o amor-sofrimento de Cristo até ao limite, nós somos instigados a repensar o sentido da nossa vida e nele a possibilidade do sofrimento também como Dom. Somos incitados a ponderar a certeza de um Deus que no amor-sofrimento do seu Filho, Jesus Cristo, sofre com e por toda a humanidade, entendendo que contemplar o amor até ao fim-limite, na pessoa de Jesus Cristo, é essencialmente apelo a um contínuo desvendar do (pro)fundu de Deus. Em Jesus Cristo, entre palavras-ação e surpreendentes silêncios, Deus ama simples e exclusivamente ('De tal modo o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna' Jo 3,16).

Ao repensar o sentido da vida e a certeza de um Deus que, em Jesus Cristo, nos ama até ao limite, todos somos impelidos a refletir a inevitável realidade do sofrimento. Esta reflexão guia o ser humano até ele mesmo e torna-se o grande roteiro para um encontro espantoso com Deus. Ali é impossível esquecer Jesus na cruz. Ali todo o ser humano crente e sofredor, que procura o sentido da sua vida, experimenta não só **a humanidade face-a-face com Deus**, mas também o **próprio Deus face-a-face com a humanidade**.

## **A HUMANIDADE FACE-A-FACE COM DEUS**

Curiosamente, já antes de Jesus Cristo, a narrativa bíblica colocara na dinâmica da Revelação um paradigma admirável da humanidade face-a-face com Deus: a pessoa/figura de Job. No decorrer de uma narrativa rica de detalhes e de imagens, o autor bíblico coloca-nos perante um Job que insiste até ao limite numa extenuante procura de sentido para a sua vida e para o seu sofrimento, traduzidos por um desejo indisputável de um face-a-face com Deus (cf. Jb 19,26-27; 42,5). Este é o suporte da metáfora que dá consistência e grandeza ao Livro de Job. Tomemo-lo como paradigma, também, de procura de sentido para um sofrimento que procura integrar a dinâmica do amor mais excelente.

### **a. Repensar o sentido do amor-sofrimento**

Perante as vicissitudes de um sofrimento inexplicável, Job – um ser humano íntegro e cheio de temor de Deus (cf. Jb 1,1) – confunde-nos, oscilando entre a condescendência crente (cf. Jb 1,20-22; 2,10) e o ilimitado desejo de entender o agir de Deus, que parece obstruir qualquer sentido para a sua vida (cf. Jb 3,1-26)<sup>2</sup>. No seu lamento inicial, Job reconhece convictamente o mistério da transcendência divina

2 As nossas observações fundamentam-se nos estudos de É. DHORME, *A Commentary on the Book of Job* (Nashville, TN 21984) 126-132; N.C. HABEL, *The Book of Job. A Commentary* (London 1985); J.E. HARTLEY, *The Book of Job* (NICOT 66; Grand Rapids, MI 21991); NEWSOM, C.A., "The Book of Job. Introduction, Commentary, and Reflections", *The New Interpreters' Bible*, IV (Nashville, TN 1996); J. LÉVÊQUE, *Job ou le drame de la foi* (LD 216; Cerf; Paris 2007).

que ele diz envolver por todos os lados (cf. Jb 19,8-13) e acredita que nada acontece na criação à margem da Sabedoria Divina, nem mesmo o sofrimento (cf. Jb 9,4-11). No entanto, Job pressente que Deus é inatingível para o ser humano, restando-lhe implorar a sua misericórdia (cf. Jb 9,11-19). É um facto que o autor bíblico parece concentrar-se sobretudo na angústia de Job, explorando a intensidade do drama que inquieta a sua reflexão. No entanto, tal como todo o inocente anseia por um juiz que confirme a sua inocência (cf. Jb 9,33-35), também é insuportável para quem sofre sobreviver sem se virar para um 'deus / Deus' em busca de respostas e de sentido (cf. Jb 6,11-12; 7,17.21...)<sup>3</sup>.

As palavras e as muitas perguntas de Job conferem à pergunta de sentido sobre a vida uma linguagem surpreendente. Ela mergulha-nos em cheio no âmago da vida, sem desrespeitar ou escamotear o sofrimento humano em nome de uma religiosidade, frequentemente entendida como mais ou menos desvirtuada (*'Não são breves os dias da minha vida? Que Deus se afaste e me deixe, para que eu tenha um pouco de conforto, antes de partir, para não mais voltar, para a região das trevas e da escuridão, terra tenebrosa e sombria, de escuridão e confusão, onde a própria luz é sombra.'* Jb 10,20-22). Para o autor, Job não pode recusar ser ele próprio, nem face a si mesmo ou aos amigos, nem diante de Deus. Da sua coerência depende a sua identidade. É uma religiosidade rara a sua. Sempre foi e será. Quem não queira fechar os olhos sente o mesmo escândalo que o autor. É aqui que Job e o crente de todos os tempos se veem numa situação ainda mais difícil que a de um ateu: a de tender a concordar com Job, que as teorias defensivas de um Deus justo, perante o sofrimento injusto, são razões de cinza, defesas de barro (*'Os vossos argumentos são razões de cinza, e as vossas defesas são de barro.'* Jb 13,12).

É esta a ineludível condição humana de Job e de cada um de nós. Na verdade, para quem tem fé em Deus e na sua existência real, o questionamento sobre o sofrimento integra contornos específicos. A impossibilidade de negar Deus e o sofrimento obriga a conciliar, numa compreensão razoável, a inevitabilidade da coexistência de ambos. O Livro de Job é, sem dúvida, o excelente representante de uma tentativa de conciliação: nele o autor admite, na pessoa e drama de Job, por um lado, um Deus criador, amante e compassivo e, por outro, o sofrimento da sua criatura, tantas vezes incompreensível. Durante séculos, os sábios de Israel refletiram, meditaram, escutaram e debateram a vida à luz da fé, num Deus único. Foi progressivamente que aprenderam a acreditar que a Criação resultara de um projeto amoroso deste Deus para toda a humanidade. Deus foi-se tornando para eles um «Deus de ternura e de fidelidade» (cf. Dt 7,9); um Deus que viu e escutou o grito do povo oprimido no Egito (cf. Ex 3,6-9). Esta reflexão sapiencial viveu e experimentou a perplexidade do trágico exílio para a Babilónia, sem se perder do horizonte de um Deus sempre fiel no conhecimento e na escuta do sofrimento humano (cf. Jr 30-31)<sup>4</sup>. E com o Livro de Job, ela arrisca oferecer uma possível compreensão para as

3 São muito oportunos a este respeito os estudos de D. ATTINGER, *Parlare di Dio o parlare con lui. Il libro di Giobbe. Commento esegetico-spirituale* (Magnano 2004) e de F. MIES, *L'espérance de Job* (BETL 193; Leuven 2006) 14-28.

4 Cf. a este propósito os estudos de R.N. BOYCE, *The Cry to God in the Old Testament* (SBL Diss. 103; Atlanta, GA 1988); O. GARCÍA DE LA FUENTE, *La Búsqueda de Dios en el Antiguo Testamento* (Guadarrama 1971) 67-156.

inevitáveis perguntas: Como pode um Deus de ternura permitir que se sofra injustamente? Se ele é Todo-Poderoso como pode deixar que se perpetue o extermínio contínuo dos inocentes, deixando os malvados impunes e felizes? Talvez, por isso, o Livro de Job seja uma das manifestações mais prementes do longo caminho de compreensão de um Deus e de uma fé, que não é um bálsamo ou um analgésico para a vida e dor humana. Na verdade, a linguagem do Livro de Job não tem nada de lenitivo. Pelo contrário, é uma linguagem repleta de veemência, onde todas as questões e contestações são permitidas, com a extrema ousadia que só uma fé verdadeira é capaz de suscitar<sup>5</sup>.

Perante o sofrimento, nosso e o de outros, todos somos impelidos a dizer algo. A nossa linguagem derrama-se em inúmeras perguntas, evidenciando aquilo a que devemos designar uma linguagem específica, não do sofrimento, mas daquele que sofre. Cite-se a título de exemplo as expressões: O que é que eu fiz a Deus? Ou que mal fiz eu a Deus? Onde é que está Deus? Ou se existe um Deus bom porque é que ele permite isto? Na verdade, é sobretudo nas horas difíceis, provocadas por uma morte, uma doença, ou uma catástrofe que esta linguagem emerge espontaneamente nos nossos lábios, como se todo o sofrimento, todos os horrores, todo o mal, toda a dor constituíssem uma espécie de fenda ou fracasso na nossa lógica humana de entender a vida e de acreditar em Deus<sup>6</sup>. Todos nós acreditamos num Deus criador e de amor, que nos chama à vida para sermos e vivermos felizes, pessoal e conjuntamente. E, como isso nem sempre acontece, um modo de preservar esta nossa lógica de felicidade e a nossa própria dignidade humana é gemer, chorar, apontar o dedo aos outros, inclusive ao próprio Deus. É com esta lógica que o autor do Livro de Job nos confronta. É com esta lógica que o próprio Deus, na pessoa e na morte do seu filho, Jesus Cristo, nos interpela a repensar os sentidos, ou as direções de sentido, que, normalmente, teimamos em dar à nossa vida.

## **b. Considerar a nossa linguagem do sofrimento**

Um outro aspeto determinante a considerar, neste face-a-face do ser humano com Deus, é a nossa linguagem. Metáfora da nossa realidade humana, também o Livro de Job não nos oferece uma linguagem única sobre o sofrimento, mas uma sequência de linguagens<sup>7</sup>. Também aqui, Job exemplifica o nosso processo pessoal, que nem sempre teve ou tem a mesma linguagem sobre os diversos momentos que constituem a nossa existência e o nosso sofrimento. É neste sentido que cada um de nós se pode rever na linguagem dos amigos de Job, também ela evocadora das nossas linguagens diante do hóspede mais hostilizado da história: a dor. Ambos, Job e os amigos, desgastam ao limite a linguagem que brota do choque face a uma tragédia inesperada. É uma linguagem, por vezes, carregada de frustração e de revolta, que ressoa como um estranho pedido de ajuda e de esperança. Para alguns

5 Cf. L.G. PERDUE, *Wisdom in Revolt: Metaphorical Theology in the Book of Job* (JSOTSS 112; Sheffield 1991) 89-92; R.C. HILL, "Job in Search of Wisdom", SB 23 (1993) 34-38; H. TERNAY, *Avec Job : de l'épreuve à la conversion* (Lumen Vitae; Bruxelles 2007); J. LÉVÊQUE, *Job ou le drame de la foi* (LD 216; Cerf; Paris 2007).

6 Cf. os estudos de J.-M MALDAMÉ, *Le scandale du mal. Une question posée à Dieu* (Cerf; Paris 2001); M.-N. Thabut, *Qu'est-ce que j'ai fait au Bon Dieu? Job la souffrance et nous* (Paris 2006).

7 Cf. D. ATTINGER, *Parlare di Dio o parlare con lui. Il libro di Giobbe. Commento esegetico-spirituale* (Magnano 2004).

autores, uma linguagem reveladora da tentação permanente de encontrar uma explicação para tudo que acontece, nomeadamente o que nos causa sofrimento<sup>8</sup>.

Na verdade, Job sente-se vítima de uma injustiça que poupou outros. Como cada um de nós, Job acalentava dentro de si a ilusão de uma imortalidade. Mesmo sabendo que somos frágeis e mortais, todos vivemos como se fôssemos eternos. Por isso, os muitos porquês de Job e de cada um de nós. A ladainha de afirmações e perguntas é vasta e quase nunca encontra uma resposta aceitável. Até porque, neste face-a-face com Deus, o questionamento tem um sentido único. Job, como cada um de nós, nunca pergunta: e porque não a 'mim'? Agitado, Job coloca Deus no banco dos réus e quantas vezes não estamos nós também com ele? Os amigos preferem antes colocar Job no banco dos réus, presumindo poder atribuir-lhe poderes humanos de mudar o curso dos acontecimentos, convencendo-o da falsa segurança de que tudo depende dele (*'As tuas palavras eram o apoio dos vacilantes e fortalecias os joelhos trémulos. Mas, agora que te toca a ti, desfaleces? Agora que és atingido, perturbas-te? Não é a tua piedade a tua confiança, e a integridade da tua vida, a tua segurança? Lembra-te disto: qual o inocente que já pereceu? Ou quando foram exterminados os justos?'*)<sup>9</sup> Jb 4,1-7).

Os amigos insinuam uma culpa que desculpabiliza Deus, mas que não dá a paz e a serenidade que se recuperam quando se avalia com realismo e equilíbrio o imprevisível da vida e os limites da nossa humanidade. Falam de um destino fatalista, que obriga Job a admitir o seu sofrimento como algo que lhe acontecera sem uma razão ou um sentido, deixando-o como que em suspenso num destino feito de fatalidades que interrompem bruscamente a sua paz (*'Pode um homem ser justo na presença de Deus, ou um mortal ser puro diante do seu Criador? Ele não confia nem nos seus próprios servos, e até mesmo nos seus anjos encontra defeitos; quanto mais nos que habitam moradas de barro e cujo suporte é o pó da terra!'*)<sup>10</sup> Jb 4,17-19; 5,17-20); o mesmo destino que, depois de cada noite, obriga a que desponte um novo dia e que esquece que o desafio da vida também consiste em aprender a enfrentar o inevitável e a aceitar o irreversível. Os amigos falam de uma vontade e de um poder divino, esquecendo que Deus não provoca nem programa a dor. A sua referência a um Deus onipotente e onisciente obscurece a linguagem notável da fraqueza de Deus, que assume viver segundo as leis do mundo que ele criou (*'Poderás tu compreender os caminhos de Deus, ou chegar ao fundo da sua onipotência? Ela é mais alta do que o céu; que farás? É mais profunda que o abismo; como a conhecerás?'*)<sup>11</sup> Jb 11,7-8). Por isso, os amigos insistem em falar num Deus juiz, zeloso e severo que intervém para fazer justiça; perseguidor que prova até aqueles que mais ama (*'Acaso tornará Deus torto o que é direito, e o Todo-Poderoso subverterá a justiça? Se os teus filhos pecaram contra Ele, Ele entregou-os ao poder da sua iniquidade. Mas, se recorreres a Deus e implorares ao Todo-Poderoso, se fores puro e reto, desde agora Ele velará sobre ti, e restabelecerá a tua morada com justiça.'*)<sup>12</sup> Jb 8,3-7). No entanto,

8 Cf. M.-N. THABUT, *Qu'est-ce que j'ai fait au Bon Dieu? Job la souffrance et nous* (Paris 2006).

9 Cf. D.J.A. CLINES, "The Arguments of Job's Three friends", *Art and Meaning: Rhetoric in Biblical Literature* (eds. D.J.A. CLINES – M. GUNN – A.J. HAUSER), (JSOTSS 19; Sheffield 1982) 202-210; J. VERMEYLEN, J., *Job, ses amis et son Dieu. La légende de Job et ses relectures postexiliques* (Brill; Leiden 1986).

bem lá no fundo de si mesmos, a sua linguagem, como tantas vezes a de cada um de nós, parece revelar a necessidade que eles têm de superar uma profunda perturbação pessoal diante do sofrimento de Job, apesar de parecer esquivar-se do desejo genuíno de compreender aquele que veem sofrer.

Curiosamente, a linguagem de Job evidencia uma compreensão do agir de Deus igual à dos amigos. Também Job não duvida que uma tempestade, a confusão, a miséria podem ser uma punição enviada por Deus, em consequência do agir do ser humano (*'Uma só coisa quero afirmar: Ele extermina tanto o inocente como o malvado. Se, de repente, um flagelo causa a morte, Ele ri-se do desespero dos inocentes. Deixa a terra entregue às mãos do ímpio, e cobre o rosto dos seus juízes; se não é Ele, quem é, pois?'*Jb 9,22-24). É neste sentido que também todos nós somos inclinados a reconhecer uma parte da nossa responsabilidade em alguns dos nossos sofrimentos e doenças (álcool, o tabaco, má alimentação, stress). E, por isso, tal como Job e os amigos, a nossa linguagem não difere muito da deles quando afirmamos 'Foi Deus quem os castigou!' ou que tal pessoa 'Não merecia tal castigo de Deus!', 'Deus não é justo!'. Tal como os amigos ou o próprio Job, também nós entramos com muita facilidade numa linguagem de retribuição ou de recompensa, mesmo quando nos revoltamos contra os sofrimentos de todos os inocentes deste mundo. Existe uma espécie de lei natural que impele todos como seres humanos a uma lógica onde o bem vai com o bem e o mal com o mal. Resta saber se os pensamentos de Deus são os nossos e se a sua justiça coincide com a nossa lógica da retribuição (cf. Is 55,8-9).

Durante todo este barulho de palavras e de procuras, a resposta de Deus parece estar envolta num misterioso silêncio que parece ferir e espantar. Tal como Job muitos de nós perturbam-se e revoltam-se. Deus parece ausente ou indiferente às dores da humanidade, dizem. Para outros, trata-se de um silêncio estratégico: Deus fala quando ele decide falar e não sob pressão humana; e quando decide falar, fala sem qualquer preocupação explícita de responder a qualquer uma das perguntas que Job ou o ser humano lhe dirige<sup>10</sup>. Na verdade, quando, o Deus aparentemente silencioso e indiferente decide falar, fala mas não de sofrimento. Diante de Job coloca a grandeza da criação que só Ele conhece, confrontando-o com dois tipos de conhecimento: o seu e o de Deus. Só então, Job compreende que Deus possui um conhecimento de si mesmo, ao qual ele não tem acesso. Só então Job descobre que a sua linguagem perante o sofrimento o arremessou para o primitivo desejo: o de querer saber o mesmo que Deus (cf. Gn 2-3). Por isso, as últimas palavras de Job não são de amargura ou de revolta, mas de reconhecimento sereno de um Deus que ele conhecia só por ouvir falar, mas que agora reconhece como Senhor e Criador; um Deus tão próximo quanto insondável (cf. Jb 42,1-6).

O autor não nos conta como se deu a transformação de Job. Prefere optar por nos expor a uma oposição de conhecimentos: o que Deus conhece e o que Job não conhece. Deixa-nos com a sugestão

---

10 Cf. Y. HOFFMAN, "The Relation between the Prologue and the Speech-Cycles in Job. A Reconsideration", VT 31 (1981) 160-170; MOORE, M.S., "Job's Texts of Terror", CBQ 55 (1993) 622-675; J. LÉVÊQUE, "L'interprétation des discours de Yhwh (Job 38:1-43,6)", in *The Book of Job* (ed. W.A. BEUKEN), (BETL 114; 1994) 203-222; SCHMIDT, N.F. "The Rhetoric of the Theophany of Job", *Old Testament Essays* 16/1 (2003) 79-95.

de que se Deus se revela a Job como aquele que tudo conhece, Ele nunca poderá desconhecer o sofrimento de Job. Terá Job compreendido isto? É assim que Deus aponta a Job o caminho de todo o ser humano: o de aprender a viver com os limites da sua condição humana, mas também com a certeza de um mistério de sentido, por vezes, só acessível a Deus. A linguagem do crente sofredor transforma-se perante a espantosa abertura ao mistério do amor de um Deus, do qual Job nunca duvidou. Na verdade, praticamente todos concordam que a transformação de Job não se dá apenas pelo que Deus diz, mas pela presença transformadora de Deus<sup>11</sup>.

Esta é a lógica de Deus, a do dom, não a da troca ou da retribuição. A distância de Deus mantém-se, não foi anulada. Porém, Job percebe que uma imensa intimidade e uma maravilhosa graça abraçam a sua vida. No seu imenso sofrimento, Job faz experiência do mistério do encontro face-a-face com Deus. Job cresce no conhecimento de Deus: o Deus distante afinal estava tão perto, ali face-a-face com o seu sofrimento. Job compreende, então, que ele conhecia Deus só por ouvir falar, agora conhece Deus a partir de uma experiência nova e profunda: Deus, Senhor e Criador, tão próximo quanto insondável (*'De facto, eu falei de coisas que não entendia, de maravilhas que superavam o meu saber. Eu dizia: 'Escuta-me, deixa-me falar! Vou interrogar-te e Tu me responderás. Os meus ouvidos tinham ouvido falar de ti, mas agora veem-te os meus próprios olhos.'*)<sup>12</sup>. O Job cujo sofrimento leva a tocar o (pro)fundos da sua existência humana experimenta uma lógica e um encontro; a humanidade num face-a-face com Deus que desagua num conhecimento novo do próprio Deus. Job atinge o auge de uma metáfora possível, da realidade que a cruz e o dom, a vida e o amor de Jesus Cristo até ao limite, constituem como um face-a-face da humanidade com Deus. Tal como Job, também a humanidade de Jesus Cristo questiona e grita, virando-se totalmente para Deus.

## **DEUS FACE-A-FACE COM A HUMANIDADE**

Apesar do silêncio de Deus ser profundamente doloroso e quase sempre tão difícil de integrar quanto o próprio sofrimento, ele constitui, no âmbito da revelação bíblica, um dos modos mais inesperados de Deus face-a-face com a humanidade. O autor do Livro de Job refere que, num primeiro momento, os amigos de Job quando o veem não o reconhecem, choram, rasgam as vestes e ficam em silêncio (cf. Jb 2,12-13). Porém, depois de sete dias de silêncio diante de um Job sofredor, todos irrompem num prolongado falar (Jb 4-5; 8; 11; 15; 18-20; 22-23). O Job paciente transforma-se num Job cheio de perguntas (Jb 3; 6-7; 9-10; 12-14; 16-17; 21; 24-26) e cada um dos amigos toma a palavra para interpretar a justiça de Deus e catalogar as culpas de Job. Job reage e, não obstante o seu desespero, apela até à exaustão a uma fidelidade e justiça de Deus (Jb 29-31). Deus face-a-face com a humanidade de Job e dos amigos permanece em silêncio, não se defende, nem critica, prefere o combate do silêncio. Não

11 Cf. B. THOMASON, *God on Trial: The Book of Job and Human Suffering* (Liturgical Press; Collegeville, MN 1997) 213-218.

12 Curiosamente, no AT *rh'* designa um ver que implica a aceitação da Palavra de Deus. Aceitação que envolve salvação, entendimento e fé (cf. Is 6,10 onde endurecer o coração significa 'fechar os olhos, não ver'; e o 'ver' profético a compreensão da mensagem divina. Em alguns salmos e em Job, a própria noção de ver a Deus representa um encontro com ele que alivia e conforta (cf. Sl 42,3 *Quando verei a face de Deus?*). O próprio Job manifesta esta esperança em Jb 19,27 (*Os meus olhos o verão, não como um estrangeiro*).

é fácil, neste contexto narrativo, vislumbrar como perspetivar o desafio lancinante de integrar este silêncio de Deus.

### **c. Integrar o mistério do silêncio de Deus**

Espantosamente, entre a torrente imensa das palavras de Job e dos amigos e o angustiante silêncio de Deus, o autor do Livro de Job introduz habilmente as palavras de um sábio, que se diz ser jovem em anos (cf. Jb 32-37). O seu nome Elihu distingue-se do nome de Job e do dos amigos por ser um nome de raiz hebraica, cujo significado é 'Ele é o meu Deus'. Para muitos, Elihu é apenas alguém imbuído de superioridade e artificialidade. As suas palavras parecem refletir um ponto de vista de um ou quatro indivíduos diferentes sobre o debate entre Job e os amigos. Uma espécie de transição e preparação para os discursos de Yhwh, que tende a uma simples reorganização temática do debate em causa<sup>13</sup>.

No entanto, Elihu impõe-se, por si mesmo, como uma parte integrante do drama e do Livro de Job e as suas palavras parecem evidenciar a procura de uma solução para o problema do sofrimento. O facto é que, situados na dinâmica do silêncio de um Deus que não fala porque o ser humano o exige (cf. Jb 30-31), os sábios de Israel, decidiram inserir no debate um momento que podemos designar de integração. Este momento emerge nas palavras de Elihu, que não só tende a ajudar Job e os amigos a avaliar os argumentos defendidos, como também a integrar num horizonte de sofrimento o próprio silêncio de Deus. A tradição de um Deus que pode usar o sofrimento como um instrumento pedagógico (cf. Dt 8,2-5; Pr 3,12), expressa no facto de Deus permitir que Satan prove a fé de Job (cf. Jb 1-3) e defendida como a melhor escola da vida e uma espécie de oportunidade de parar e refletir (cf. Jb 32-37), amplia-se a um horizonte novo de integração de um silêncio de Deus<sup>14</sup>. Este é o desafio desmedido à fé de Job e de todo o crente. Na verdade, Job parece nunca se ter queixado do seu sofrimento, mas sim de um silêncio de Deus (cf. Jb 10,2; 11,5; 31,35).

Não obstante compreendermos a intervenção de Elihu neste horizonte de integração, devemos reconhecer nela a excessiva distância em relação ao sofrimento de Job. Nem sempre as palavras pronunciadas em circunstâncias de sofrimento devem ser tomadas como um convite para estabelecer um debate teológico. Nem sempre as respostas da inteligência curam o coração ferido de onde brotam os mais genuínos gemidos. O nosso coração humano sofrido precisa mais de tempo para curar do que de recomendações fáceis. Muitas vezes as palavras que podem parecer de acusação contra Deus, ou até mesmo as imprecações, podem ser formas de oração. Por isso, o Livro de Job apesar de apontar horizontes de integração, fá-lo oferecendo simultaneamente o testemunho explícito, de que não se encontra Deus apenas no louvor e na alegria, mas também no protesto e no tumulto<sup>15</sup>.

13 Cf. R. GORDIS, "Elihu the Intruder: A Study of the Authenticity of Job (Ch. 32-33)", *STL* 1 (1963) 60-78; J. LÉVÊQUE, *Job et son Dieu. Essai d'exégèse et de Théologie Biblique*, I-II (Études Bibliques, Paris 1970), 538-544: «De toute évidence les discours d'Élihu n'apportent aucun élément essentiel à l'économie du livre.»; L.G. PERDUE, *Wisdom in Revolt: Metaphorical Theology in the Book of Job*, 68: "The dogmatic character of Elihu's theology produces not live engagement, but sterile faith."

14 Sobre esta tradição cf. SANDERS, J., *Suffering as a Divine Discipline in the Old Testament and Post-Biblical Judaism* (New York, NY 1955).

15 Cf. G. CHÉREAU, *Job et le mystère de Dieu. Un chemin d'espérance* (Paris 2006); D.E. FLEMING, "Job: The Tale of Patient Faith and the Book of God's Dilemma", *VT* 44 (1994) 468-482.



Job é o ser humano que sofre e que procura desesperadamente as razões e o sentido do seu sofrimento. Ele é cada um de nós que é atingido pela dor física ou mental; ele é cada um de nós que se interroga profunda e dolorosamente perante a miséria da fome ou a violência das nossas guerras ou barbáries. E como muitos de nós, Job é alguém que acredita num Deus bom e compassivo. Por isso, é a partir do mais íntimo desta sua fé que ele coloca a questão do seu sofrimento. E é natural que, frequentemente, nos demos conta de estarmos a usar ou a escutar a mesma linguagem de Job ou dos seus amigos. Por vezes, surpreendemo-nos por serem aqueles que creem com mais profundidade aqueles que são mais perseguidos por este questionamento ou linguagem. Na verdade, a fé autêntica não anestesia, pelo contrário torna o debate, a interrogação e a procura mais obstinada, inflexível e incomplacente. A fé autêntica é incapaz de se satisfazer com uma resposta ou um sentido qualquer, apressado ou indiferente. Existe nela algo que marca e determina a sua procura: o seu interlocutor. Tal como Job, os crentes de todos os tempos dirigem-se a Deus, não a uma espécie de vazio enigmático. Tal como Job aprendemos a linguagem da esperança singular e notável até ao fim em Deus ('...para Deus correm as lágrimas dos meus olhos.' Jb 16,20;

cf. 17,2-3; 19,25-27)<sup>16</sup>. Tal como Job não entendemos, mas acreditamos que Deus conhece e entende; não sabemos o sentido, mas acreditamos até ao fim que Deus conhece este sentido. Profundamente solidários com Job, passamos a vida inteira a aprender que a resposta à questão do sentido da vida, desde o início moldada pelo barro da alegria e da dor, está na capacidade de nunca desesperar, mas sim esperar e, principalmente esperar sempre em Deus.

O eixo principal do Livro de Job não se refugia numa discussão teórica. Pelo contrário, é pela boca do sofredor que o autor exprime a sua questão a respeito de Deus e do modo como ele se relaciona com o ser humano. Quase sem dar por isso, o autor soube passar da representação literária à dimensão existencial e teológica da questão do sofrimento e, com grande firmeza, o protagonista não abre mão da sua inocência (cf. Jb 13,13-16.18-23). Job levanta-se vertical diante de Deus, com a grandeza trágica do ser humano esmagado que não abandona, nem mesmo a face de Deus! A sua verticalidade apoia-se na convicção de não merecer a desgraça que lhe coube (cf. Jb 13,24-26). É evidente que, nesta perspetiva, a pergunta sobre o sentido do sofrimento se apresenta com incidências muito mais dramáticas. Quem vive as angústias da existência com esperança na realização plena além-morte pode olhar a sua angústia como provisória, confiando ver o transitório corrigido pelo definitivo. Mas o poema de Job não partilha desta mundividência. Fala a partir da perspetiva de uma vida apenas terrena. Aqui, não existem palavras para quem sofre e diante da incompreensibilidade do silêncio de Deus, o desafio é crer num silêncio participante. Este é o desafio maior e mais excelente de integração.

---

<sup>16</sup> Cf. F. MIES, *L'espérance de Job* (BETL 193; Leuven 2006) 89-127; H. TERNAY, *Avec Job : de l'épreuve à la conversion* (Lumen Vitae ; Bruxelles 2007) 68-90.

## **b. Cristo a resposta insondável de Deus**

Face-a-face com a humanidade de Job, Deus fala no meio da tempestade, mas não como um filósofo do sofrimento. Faz passar diante de Job a sua intervenção e poder únicos na criação, confrontando Job com os limites do seu conhecimento e do seu poder. Não fala de sofrimento, mas apenas da sua realidade divina como uma realidade criadora, para dizer que Deus quer e sonha apenas com a vida<sup>17</sup>. Job intervém para reconhecer o seu falar como leviano, e no fim para se entregar num ato de profundo abandono a Deus (E Job respondeu ao Senhor, dizendo: 'Falei levianamente. Que poderei responder-te? Ponho a minha mão sobre a boca; falei uma vez, oxalá não tivesse falado; não vou falar duas vezes, nem acrescentarei mais nada.' (Jb 40,3-5); Job respondeu ao Senhor e disse: 'Sei que podes tudo e que nada te é impossível. Quem é que obscurece assim o desígnio divino, com palavras sem sentido. De facto, eu falei de coisas que não entendia, de maravilhas que superavam o meu saber. Eu dizia: 'Escuta-me, deixa-me falar! Vou interrogar-te e Tu me responderás.' Os meus ouvidos tinham ouvido falar de ti, mas agora veem-te os meus próprios olhos. Por isso, retrato-me e faço penitência, cobrindo-me de pó e de cinza.' (Jb 42,1-6).

As palavras de Job deixam entrever que a fé autêntica, ainda que assaltada por momentos conturbados, sobrevive integrando uma purificação imensa. A única resposta de Deus a Job é a de uma abertura ao mistério do amor, do qual Job nunca duvidou. A transformação de Job dá-se não pelo que Deus lhe diz, mas pela presença transformadora de Deus. Esta é a lógica do dom, não da troca. A distância de Deus mantém-se, não foi anulada, e Job percebe que, apesar de um sofrimento injusto e imerecido, uma imensa intimidade abraça a sua vida. Vê-o no reconhecimento das suas palavras sem sentido. Vê-o no mistério do encontro, onde o debate dá lugar à escuta. O Deus distante afinal estava tão perto.

É um facto que todos, mais tarde ou mais cedo, somos confrontados com a irracionalidade do sofrimento. Por isso, todos compreendemos que, de algum modo, o ser humano possa ou deva interrogar aquele a quem explicita ou implicitamente considera o autor e responsável de toda a Criação. Porém, serão todas as nossas perguntas bem colocadas? Podemos afirmar que é Deus quem quer o sofrimento? Muitas das nossas perguntas pressupõem a ideia de um Deus onipotente e onisciente, mas será que entendemos bem o que significa e implica a onipotência de Deus, tal como ela se revelou à História Humana? Hans Jonas, um filósofo Judeu, pergunta-se diante do holocausto: «Mas que Deus é este que pode deixar uma coisa destas acontecer? Não é o Criador também Senhor da História?» Este filósofo reconhece humildemente que tudo o que os profetas e os salmistas disseram de Deus não é senão um balbuciar diante do mistério Eterno. Por isso, ele diz: 'Quem não queira afastar-se do conceito de Deus tem de o repensar sempre de novo. Não existe um outro modo de admitirmos que Deus seja inteligível e bom e no entanto exista tanto mal no mundo'.

---

17 Cf. N.F. SCHMIDT, "The Rhetoric of the Theophany of Job", *Old Testament Essays* 16/1 (2003) 79-95;

Parece fácil dizer que Deus é o transcendente absoluto. No entanto, este é simplesmente um modo de esconder a compreensão e a experiência de que ele excede toda a nossa compreensão. Esta linguagem mais do que dizer Deus expressa a nossa dificuldade ou quase impossibilidade de dizer Deus e de falar sobre ele. Contudo, não podemos e nem devemos deixar de nos interrogar perante o seu mistério, que permanecerá sempre mistério para nós. É por isso que justo ou pecador, Job representa a interrogação de todos nós. E se durante uma grande parte do Livro de Job, Deus está em silêncio, isto não significa ausência ou um diferendo. Comprova-o a sua intervenção final. O seu silêncio constitui, talvez o maior dos desafios que Job teve de enfrentar. É nele, com ele e por ele que Job realiza o seu grande crescimento na fé. Deus também se revela deste modo no seu face-a--face com a humanidade.

Ao assumir fazer história com o ser humano, Deus aceita conviver com as imperfeições de um mundo que conhece a 'dor de parto', desde o primeiro momento da sua existência terrena. E se é verdade que em Jesus, Deus realiza milagres. Também é um facto que Jesus não multiplicou pães sempre que viu gente com fome; não curou todos os doentes do seu tempo nem trouxe à vida todos os defuntos de Betânia; não transformou gestos extraordinários em experiências ordinárias, deixou apenas sinais para suscitar a fé; e entre eles o grande sinal que é Jesus Cristo.

A metáfora do encontro e da resposta espantosamente elaborada pelos sábios de Israel e integrada num contexto de Revelação e de palavra de Deus realiza-se de uma forma plena na pessoa de Jesus Cristo. Ele é o lugar por excelência do encontro e da resposta, o lugar por excelência de Deus face-a-face com a nossa humanidade (cf. 1Jo 1,1-4)<sup>18</sup>. Em Jesus Cristo é não só um Deus inocente submetido à prova, oferecendo uma resposta excelente a Job, mas é sobretudo salvação para todos os inocentes e não inocentes que se abrem ao seu amor salvífico: 'Nos dias da sua vida terrena, apresentou orações e súplicas àquele que o podia salvar da morte, com grande clamor e lágrimas, e foi atendido por causa da sua piedade. Apesar de ser Filho de Deus, aprendeu a obediência por aquilo que sofreu e, tornado perfeito, tornou-se para todos os que lhe obedecem fonte de salvação eterna' (Heb 5,7).

Na pessoa de Jesus Cristo, Deus convive, igualmente, com os limites de um mundo criado por ele. Perante a cruz de Jesus e a cruz dos milhares de seres humanos que sofrem, Deus continua em silêncio e não intervém drasticamente para mudar o curso dos acontecimentos. Talvez, por isso, D. Bonhoeffer afigure: 'A religiosidade humana tem remetido o ser humano em sofrimento para o poder de Deus no mundo... porém a Escritura remete o ser humano para a debilidade e o sofrimento de Deus. Só um Deus que sofre nos pode ajudar'<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> A este propósito Cf. MICHEL QUESNEL, *JÉSUS, l'homme et le fils de Dieu* (Flammarion; Paris 2004).

<sup>19</sup> D. BONHOEFFER, *Resistencia y sumisión : cartas y apuntes desde el cautiverio* (Sígueme; Salamanca 2004) 123.

### **c. Reapreciar o sofrimento como um Dom**

Urge, por isso, reapreciar o sofrimento, também, como um dom e como amor? Elie Wiesel, no seu romance 'La nuit' fala de uma experiência num campo de concentração onde havia três pessoas para serem enforcadas, dois adultos e uma criança<sup>20</sup>. Os adultos expiraram de imediato, mas a agonia da criança demorou algum tempo. Os outros prisioneiros, obrigados a assistir, perante a agonia da criança disseram: 'Onde está Deus agora? No fundo do seu coração E. Wiesel ouviu uma voz que dizia: 'Onde está Deus agora? Está ali, naquela cruz'. Nesta voz E. Wiesel percebe que Deus não é um mero espectador das tragédias ou do sofrimento humano, mas um participante; não é um simples observador da dor, mas um companheiro do caminho<sup>21</sup>.

Para nós, na pessoa de Jesus Cristo, Deus não responde direta ou verbalmente à pergunta sobre o porquê do sofrimento. Deus está presente no sofrimento e, de modos diferentes e misteriosos, ajuda a enfrentá-lo. A todos os que sofrem, Deus não oferece o silêncio de uma intervenção fracassada, de um milagre ludibriado ou de uma oração não ouvida, mas o amor de Jesus Cristo 'até ao limite', a proximidade incompreensível da cruz, o mistério da ressurreição carregado de esperança<sup>22</sup>.

As próprias etapas do calvário ilustram as necessidades, os estados de alma e as atitudes de Jesus Cristo experimentadas pelo ser humano de todos os tempos. A necessidade de ter alguém próximo (Tomou Pedro, Tiago e João... e disse-lhes: Ficai aqui e vigiai Mc 14,33-34). Na hora mais difícil, Jesus tem necessidade de alguém próximo que possa velar com ele. Escolhe três dos seus amigos, os que tinham participado na experiência jubilosa do Tabor. O seu apelo mostra a sua humanidade e como é imenso o seu medo da solidão. Os amigos, porém, adormecem, evadem-se, não se comprometem, não sabem o que dizer ou fazer. Jesus perturba-se (*'Começou a ter medo e angústia... A minha alma está numa tristeza de morte'*) (Mc 14,33-34). Em Jesus Cristo, Deus não se envergonha da sua humanidade. Não julga nem reprime os seus sentimentos, mas aceita-os como componentes do percurso humano que deve fazer. Vive na primeira pessoa o medo e a angústia, é tomado, de novo, pela perturbação e grita (*'Meu Deus, porque me abandonaste?'*) (Mc 15,34). No horto Jesus reza (*'Prostrou-se por terra e pediu que, se fosse possível, aquela hora se afastasse dele...'*) (Mc 14,35), colocando diante de Deus-Pai a sua fragilidade humana, revelando de um modo surpreendente e inaudito Deus face-a-face com a humanidade.

No centro da História da Salvação não está um altar com duas velas, mas Cristo, entre dois ladrões, que enfrenta a morte mais ignominiosa: a morte de cruz. O Deus dos verdadeiros crentes é alguém vivo, real, que se entrega pela humanidade e se deixa encontrar no sofrimento e na cruz. Segundo P. Tillich 'o Filho de Deus toma o nosso lugar – não porque seja preciso substituir-nos no sofrimento,

---

<sup>20</sup> Cf. E. WISEL, *La nuit* (Les Éditions de Minuit; Paris 1958).

<sup>21</sup> Cf. J.-N. ALETTI, *Voltar a falar de Jesus Cristo* (Lisboa 1999) 45-72.

<sup>22</sup> Cf. H. RICO, "A Paixão: Nem Cristo sem cruz, nem cruz sem Cristo" (Editorial), *Brotéria* 158/3 (2004).

mas para se envolver numa missão livremente assumida (cf. Jo 10,18)<sup>23</sup>. Livre e duplamente assumida, revela Deus no seu Dom à humanidade e assume a condição pecadora da humanidade, sofrendo das consequências que lhe são inerentes.

O nosso sofrimento humano é incontornável. E, por isso, é especialmente iluminador que o Filho de Deus tenha assumido plenamente esta condição sofredora. A sua vida do nascimento à morte não podia, segundo os Evangelhos, ser mais representativa. Nasceu e viveu perseguido, atraído, rejeitado. Não escondeu as suas preferências pessoais e o seu inconformismo. No entanto, foi sempre vertical, coerente, libertador, ao ponto de ver como feito a si próprio o que é feito aos mais pequenos (Mt 25,40). Não pactuou com o mal, assumindo-se, conscientemente, como sinal e presença de uma realidade nova a que chamou Reino de Deus. Identificou-se com ela, ao ponto de nada mais contar na sua vida, nem mesmo a morte. Na sua singularidade, absolutamente única, Jesus Cristo deixou uma impressão intensa – tanto nos seguidores como nos adversários – de que se sentia íntimo de Deus ou mesmo Deus. E apesar do imenso 'espanto' perante toda a sua existência, ele veio a ser – na vida, na morte – a esperança, última, de todos os que sofrem e são atormentados pelo mal. Sem ele, a humanidade não saberia para quem voltar-se (Jo 6,68). No seu amor até ao fim e até ao limite, Ele é a certeza da resposta de Deus a todas as nossas interrogações angústias e sofrimentos.

Talvez por isso, D. Bonhoeffer diga: 'Trata-se de uma perspectiva muito rica, a da mundanidade de Deus: não são as tarefas infinitas e inacessíveis que são o transcendente, é o próximo que encontramos sempre ao nosso alcance. É neste 'ser para os outros', como Jesus fez até à morte, que nasce a onipotência e a onisciência e a onipresença. Não é só para criar, é sobretudo para deixar crescer e salvar que Deus abdica da sua plenitude. Deus serve-se da sua absoluta onipotência para se assumir como não-onipotente no mundo das suas criaturas'<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> Cf. P. TILLICH, *Systematic Theology* (The University of Chicago Press; Chicago 1957).

<sup>24</sup> D. BONHOEFFER, *The Collected Sermons of D. Bonhoeffer* (Fortress Press, Minneapolis, MN 2012) 236.